

ANÁLISE DE DISCURSO: FUNDAMENTOS E PROCEDIMENTOS

Josely Alves dos Santos¹
Guilherme Saramago de Oliveira²
Núbia dos Santos Saad³

Problematizar as maneiras de ler, levar o sujeito falante ou o leitor a se colocarem questões sobre o que produzem e o que ouvem nas diferentes manifestações da linguagem. Perceber que não podemos não estar sujeitos à linguagem, a seus equívocos, sua opacidade. Saber que não há neutralidade nem mesmo no uso mais aparentemente cotidiano dos signos. [...] Não temos como não interpretar. Isso, que é contribuição da análise de discurso, nos coloca em estado de reflexão e, sem cairmos na ilusão de sermos conscientes de tudo, permite-nos ao menos sermos capazes de uma relação menos ingênua com a linguagem (ORLANDI, 2003, p. 9).

Resumo:

A Análise de Discurso (AD) tem sido utilizada em pesquisas nas mais diversas áreas das Ciências Sociais. Desse modo, este artigo busca apresentar a AD enquanto procedimento de pesquisa. Para isso faz um breve resgate histórico de suas origens e apresenta suas definições. Ademais, aborda os principais fundamentos da análise de discurso e apresenta os procedimentos para realização da análise.

Palavras-chave:

Técnicas de Pesquisa. Análise de Discurso. Procedimentos de Pesquisa.

Abstract:

Discourse Analysis (AD) has been used in research in the most diverse areas of Social Sciences. Thus, this paper seeks to present DA as a research procedure. For that, it makes a brief historical review of its origins and presents its definitions. In addition, it addresses the main foundations of discourse analysis and presents the procedures for carrying out the analysis.

Keywords:

Research Techniques. Discourse Analysis. Research Procedures.

¹ Mestre em Educação. Universidade Federal de Uberlândia.

² Doutor. Professor da Universidade Federal de Uberlândia.

³ Doutora. Professora da Universidade Federal de Uberlândia.

1. Análise de Discurso: ideias iniciais

Proveniente de diversas correntes de estudo como a linguística, a filosofia, a antropologia, dentre outros, a Análise de Discurso (AD) é um campo de pesquisa global e em contínua expansão que tem no discurso, e nos sentidos que ele assume, seu principal objeto. Vários estudos, nas mais diversas áreas das Ciências Sociais, têm recorrido a seus conceitos para delinear e elucidar problemas em diferentes pesquisas.

De acordo com Maingueneau (2020) a expressão “análise de discurso” foi utilizada pela primeira vez pelo linguista americano Zellig Sabbetai Harris em um artigo publicado em 1952 com o título “Discourse Analysis”. No entanto, o termo foi utilizado fazendo correspondência à linguística textual propriamente dita, ou seja, à análise da estrutura de um texto tendo em vista seus elementos o que não se relaciona com a Análise de Discurso propriamente dita.

Afirma Brandão (2004),

Embora a obra de Harris possa ser considerada o marco inicial da análise de discurso, ela se coloca ainda como simples extensão da linguística imanente na medida em que transfere e aplica procedimentos de análise de unidades da língua aos enunciados e situa-se fora de qualquer reflexão sobre a significação e as considerações sócio-históricas de produção que vão distinguir e marcar posteriormente a análise de discurso (BRANDÃO, 2004, p. 14).

A AD, como concebida nos dias de hoje, tem suas origens em meados de 1960, sobretudo na França, nos Estados Unidos e na Inglaterra e seu desenvolvimento, tal como esclarece Nogueira (2001, p. 15), é concernente a duas razões principais, quais sejam: o descontentamento com as abordagens positivistas e tradicionalistas nas ciências sociais e o crescente interesse pela ótica das teorias críticas, essencialmente difundidas pelo estruturalismo que concebe a linguagem e o pensamento como indivisível em que “[...] a linguagem permite a base para todo pensamento, oferece um sistema de categorias para se dividir a experiência e lhe dar significado”.

Consoante denota Ferreira (2003), a análise de discurso desde o princípio se caracteriza por desvelar uma ruptura com o quadro político e epistemológico vigente e se articular com outras áreas das ciências humanas, em especial a linguística, o materialismo histórico e a psicanálise.

As reflexões procedentes da análise do discurso nessa época, tendo em vista a tendência teórico-metodológica a qual se baseavam, conduziram a duas perspectivas: a Análise de Discurso de linha anglo-americana e a Análise de Discurso de linha francesa.

A linha anglo-americana considera que a AD pode mudar certas práticas, tendo assim um caráter intervencionista sobre o discurso. A linha francesa, por sua vez, busca compreender o discurso levando em consideração a sociedade, o sujeito, sua história e as condições em que o discurso foi produzido. Ao contrário da linha anglo-americana, na linha francesa não há qualquer intenção de intervenção por meio da análise.

Maingueneau (2020) explica que a França foi um dos principais palcos para o desenvolvimento da análise de discurso enquanto procedimento com aspectos teóricos e metodológicos específicos e teve como marco a publicação em 1969 da obra de Michel Pêcheux intitulada *Análise Automática do Discurso (AAD)*.

No Brasil, tal como demonstram Magalhães e Kogawa (2019), a análise de discurso tem sua história marcada inicialmente por dois momentos sendo o primeiro no período que compreende o final dos anos 1960 e 1970 e o segundo de 1980 em diante e tem como principal representante a linguista e professora universitária Eni Orlandi cujos trabalhos promoveram a difusão e institucionalização do pensamento do filósofo francês Michel Pêcheux.

Michel Pêcheux, de acordo com Orlandi (2005),

[...] nasceu em Tours em 1938 e morreu em Paris em 1983. Ele é o fundador da Escola Francesa de Análise de Discurso que teoriza como a linguagem é materializada na ideologia e como esta se manifesta na linguagem. Concebe o discurso como um lugar particular em que esta relação ocorre e, pela análise do funcionamento discursivo, ele objetiva explicitar os mecanismos da determinação histórica dos processos de significação. Estabelece como central a relação entre o simbólico e o político (ORLANDI, 2005, p. 10).

Uma vez realizado esse breve resgate histórico, cabe ressaltar que este trabalho se baseará na análise de discurso de linha francesa, enfatizando principalmente os estudos de Orlandi sobre os conceitos e procedimentos que esta apresenta acerca da AD.

Mas, afinal, o que é a análise de discurso? Antes de responder a esse questionamento, é preciso retomar e distinguir dois conceitos importantes para a AD, quais sejam: linguagem e discurso.

A linguagem na concepção de Charaudeau (2001), se relaciona com um código verbal, ou seja, trata-se de um conjunto ordenado de signos formais que orientam a atividade da comunicação.

Conforme os estudos realizados por Orlandi (2003), a linguagem, no âmbito da análise de discurso, não deve ser compreendida tão somente como um sistema de signos dotado de regras formais. Mais que isso, a linguagem deve ser tomada como mediação indispensável entre o homem e a realidade social, ou seja, ela se refere à relação do sujeito com o mundo, sua maneira de manifestar-se oralmente ou por escrito produzindo efeitos e sentidos.

Para Nogueira (2001), a linguagem é essencial nas mais diversas atividades sociais, sendo, pois, a forma mais elementar de interação entre os sujeitos e envolve sobremaneira o processo de pensamento e a ação.

A palavra discurso, por sua vez, segundo os estudos de Orlandi (2003, p. 15), relaciona-se à “[...] ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando”. Dessa forma, o discurso não pode ser entendido tão somente como uma transmissão de mensagem de um emissor para um receptor. Isto porque no discurso existe uma relação entre língua, cultura e ideologia, sendo, portanto, efeito de sentidos que conduz a inúmeras formações discursivas. Conforme afirma a autora,

As formações discursivas são a projeção, na linguagem, das formações ideológicas. As palavras, expressões, proposições adquirem seu sentido em referência às posições dos que as empregam, isto é, em referência às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem. (ORLANDI, 2006, p. 17).

Maingueneau (2020) explica que o discurso é uma forma de ação, pressupõe interatividade e contextualidade e precisa estar necessariamente relacionada a um sujeito produzindo socialmente o sentido.

No entendimento de Fernandes (2007, p. 12), discurso, enquanto objeto da AD, “[...] não é a língua, nem texto, nem a fala, mas necessita de elementos linguísticos para ter uma existência material”. Assim, o autor esclarece que no discurso as palavras pronunciadas estão impregnadas de aspectos sociais e ideológicos.

A análise de discurso, por conseguinte, pode ser vista como uma reflexão sobre o discurso e a linguagem. Nesse sentido, a AD busca encontrar no discurso os sentidos que ele manifesta tendo em conta o sujeito e seu entorno: sua história, ideologia e o contexto social ao qual pertence.

A análise de discurso, de acordo com Orlandi (2003),

[...] não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando (ORLANDI, 2003, p. 15).

Empreender a análise do discurso, segundo Gregolin (1995, p. 13), “[...] significa tentar entender e explicar como se constrói o sentido de um texto e como esse texto se articula com a história e a sociedade que o produziu. O discurso é um objeto, ao mesmo tempo, linguístico e histórico; entendê-lo requer a análise desses dois elementos simultaneamente”.

Bem como esclarece Orlandi (2003), a análise de discurso não trata literalmente da língua ou da gramática, mas do discurso em si. Nas palavras da autora,

Na análise de discurso procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história. Por este tipo de estudo se pode conhecer melhor aquilo que faz do homem um ser especial com sua capacidade de significar e significar-se (ORLANDI, 2003, p. 15).

A AD para Maingueneau (2000, p. 13), pode ser concebida como uma disciplina que busca articular o discurso a certo lugar social, relacionando-o aos diferentes setores do espaço social (escolas, lojas) ou aos campos discursivos (político, científico, dentre outros). A AD “[...] em vez de proceder a uma análise linguística do texto em si ou a uma análise sociológica ou psicológica de seu ‘contexto’, visa articular sua enunciação sobre um certo lugar social”.

Mais objetivamente, como aponta Delord (2015), a análise de discurso trata-se de uma prática de análise qualitativa que vê o discurso do sujeito como efeito da história. Assim sendo, o analista de discurso com base na linguagem, buscará o sentido do discurso tendo em vista sua natureza múltipla.

Em suma, a AD se conecta com os diferentes tipos de discurso que são praticados nos mais diversos setores do contexto social.

2. Constituição do discurso e a função do analista

Para Foucault (1972), a análise de discurso parte do princípio de que não há linguagem sem ideologia, portanto, não é possível pensar no sujeito desprendido desta. O discurso, desse modo, constitui-se na relação da língua com a ideologia, sendo, pois, prática de pensamento.

Souza (2014) nesse sentido afirma que

Discursos se mantêm tentando excluir discursos contrários. É uma luta que não cessa e se manifesta nas práticas sociais. Assim, a língua é uma prática social de sujeitos ideológicos que, por práticas de pensamento, querem que seus sentidos sejam os sentidos prevaletentes. A realização da ideologia na língua, sua luta por poder, é o discurso (SOUZA, 2014, p. 12).

Sendo assim, as expressões, palavras e/ou proposições podem mudar de sentido à medida que as posições sustentadas pelo sujeito, baseadas em sua formação ideológica, também mudam. A ideologia, nesse contexto, se organiza na língua por meio das formações discursivas.

Souza (2014) esclarece ainda que a produção dos sentidos segue um processo no qual o sujeito não tem controle. Isso porque o sentido é determinado pela ideologia. Esta, por sua vez, se organiza em discursos e os discursos definem as palavras ou expressões que serão ditas. Na concepção do sujeito, ele acredita que o texto nasce no exato momento em que ele fala. No entanto, os sentidos já estão presentes antes disso.

Nesse entendimento, Caregnato e Mutti (2006, p. 681) reforçam que “[...] o sujeito tem a ilusão de ser dono do discurso e de ter controle sobre ele, porém não percebe estar dentro de um contínuo, porque todo o discurso já foi dito antes”.

Isto posto, a análise de discurso busca esclarecer esse processo de produção dos sentidos presentes nas formações discursivas. É por meio da interpretação e análise do texto (seja escrito, falado, imagens, músicas, etc.) que o analista, frente à uma teoria e à utilização de procedimentos metodológicos, procura identificar uma formação discursiva

e a qual formação ideológica ela está ligada. Para tanto, o analista precisa depreender o lugar de fala do sujeito e de onde os sentidos surgem.

Consoante afirma Orlandi (2003), a AD tem por objetivo elucidar de que maneira os objetos simbólicos produzem sentido. Isso é feito no processo de interpretação e por esse motivo, o analista deve criar um dispositivo de interpretação para compreender os processos de significação e buscar não o sentido verdadeiro, mas o sentido real formado face à sua materialidade linguística e histórica.

A interpretação, para Orlandi (1996, p. 147), “[...] é um excelente observatório para se trabalhar a relação historicamente determinada do sujeito com os sentidos, em um processo em que intervém o imaginário e que se desenvolve em determinadas situações sociais”.

Ademais, a autora pondera que o dispositivo de interpretação selecionado pelo analista deve ser capaz de identificar e retratar a ligação do sujeito com sua memória. Para tanto, o analista do discurso precisa adotar uma postura relativa e não neutra perante a interpretação, isto é, ele não se posiciona à margem da história ou da ideologia, mas se coloca em uma posição que favoreça a identificação do processo de produção dos sentidos nas formações discursivas que analisa. O analista, dessa forma, trabalha nas fronteiras da interpretação e para isso deve se basear em uma mediação teórica permanente.

A respeito da interpretação, Souza (2006, p. 17) assevera que “[...] não é função do analista interpretar o texto nem descrevê-lo. Seu objetivo é explicitar os processos de significação que trabalham esse texto: compreender como o texto produz sentido por intermédio de seus mecanismos de funcionamento”. Além disso, o autor pondera que não cabe ao analista afirmar se um discurso é bom ou ruim, certo ou errado. Sua função é interpretar o texto e explicitar o discurso presente em sua materialidade.

Ao realizar o trabalho de análise dos textos, bem como orienta Nogueira (2001), o analista deve se atentar não só àquilo que está explícito, como também precisa considerar as ausências, o que não foi dito, uma vez que isso também é importante na análise de discurso.

Para que o analista possa desenvolver seu trabalho e, por meio da interpretação identificar os sentidos do texto, ele precisa delimitar o *corpus* da pesquisa.

Nogueira (2001) esclarece que o analista pode se deparar com uma infinidade de materiais passíveis de serem analisados por meio da AD (jornais, artigos de revista, documentos oficiais, entrevistas, imagens, anúncios, etc.) e, por isso, é necessário que haja um processo de seleção para definir aqueles que farão parte da pesquisa constituindo seu *corpus*.

Bem como afirma Orlandi (2003), ao constituir o *corpus*, o analista não deve se preocupar com a quantidade de textos, mas com a qualidade. Esse processo de definição do *corpus* acontece à medida que o processo de análise ocorre. Segundo a autora,

A construção do *corpus* e a análise estão intimamente ligadas: decidir o que faz parte do *corpus* já é decidir acerca das propriedades discursivas. Atualmente, considera-se que a melhor maneira de atender à questão da constituição do *corpus* é construir montagens discursivas que obedecem critérios que decorrem de princípios teóricos da análise de discurso, face aos objetivos da análise, e que permitam chegar à sua compreensão. Esses objetivos, em consonância com o método e os procedimentos, não visa a demonstração, mas a mostrar como um discurso funciona produzindo (efeitos de) sentidos (ORLANDI, 2003, p. 63).

Desse modo, a partir do texto, que é a unidade da qual o analista parte, ele identifica um discurso e em seguida evidencia, através das formações discursivas, os sentidos do texto tendo em vista a formação ideológica ao qual está ligado. Para tanto, consoante afirma Gil (2008), é necessário que se tenha clareza do problema e dos objetivos da pesquisa para que seja possível identificar não só o material a ser analisado como também as marcas existentes no discurso.

Nesse processo, de acordo com Souza (2014), o analista depreende a recorrência das propriedades do discurso e uma vez identificada a saturação deste, pode finalizar a constituição do *corpus*. Nada impede, pois, que à medida que o trabalho de análise seja realizado, outros textos venham a compor o *corpus*.

3. Procedimentos para a Análise de Discurso

A AD, tal como evidenciado anteriormente, não se propõe a interpretar propriamente o texto, mas utiliza-se deste para acessar o discurso. Pelo trabalho do analista, mediante a apropriação da teoria e a análise do *corpus*, é possível identificar os sentidos presentes e mostrar como os discursos foram formados e a ideologia a qual pertencem.

Para esse processo, Magalhães e Kogawa (2019) sustentam que não há uma única técnica específica de análise. A respeito da análise de discurso os autores argumentam que

A AD não tem um método fechado, definido e instrumentalizado. Não se faz em laboratórios nem a partir de experimentos. Tem características próprias, mas é essencialmente uma disciplina filosoficamente orientada de interpretação muito mais intuitiva e heurística do que positiva. Heurística no sentido de que a constituição do *corpus* – o material sobre o qual a análise se faz – segue um percurso que passa por procura/interrupção da procura/decisão. Parte-se, geralmente, de um tema de interesse do pesquisador; faz-se um levantamento de textos que compõem uma amostra sobre os sentidos desse tema em uma atualidade; decide-se quando há um número suficiente de sequências representativas para uma análise sólida (MAGALHÃES; KOGAWA, 2019, p. 140).

Logo, apesar de não propor um esquema objetivo para proceder a análise, alguns procedimentos são importantes para que o analista desenvolva o trabalho de interpretação.

O objeto discursivo, para Orlandi (2010),

[...] não é dado, ele supõe um trabalho do analista e para chegar a ele é preciso, numa primeira etapa de análise, converter a superfície linguística (o *corpus* bruto), o dado empírico, de um discurso concreto, em um objeto teórico, isto é, um objeto linguisticamente de-superficializado, produzido por uma primeira abordagem analítica que trata criticamente a impressão de “realidade” do pensamento, ilusão que sobrepõe palavras, ideias e coisas [...] Inicia-se o trabalho de análise pela configuração do *corpus*, delineando-se seus limites, fazendo recortes, na medida mesma em que se vai incidindo um primeiro trabalho de análise, retomando-se conceitos e noções, pois a análise de discurso tem um procedimento que demanda um ir-e-vir constante entre teoria, consulta ao *corpus* e análise. Esse procedimento dá-se ao longo de todo o trabalho (ORLANDI, 2003, p. 66-67).

Souza (2014), de maneira didática, sugere um roteiro a ser utilizado pelo analista de discurso e especifica esses procedimentos. Esse processo envolve a escolha do tema, definição e organização do *corpus*, a análise propriamente dita e a escrita da análise.

De acordo com o autor, a escolha do tema deve ser feita tendo como princípio critérios de relevância tanto coletiva quanto pessoal que dizem respeito a alguma inquietação social. Cabe ressaltar que é possível escolher temas já abordados em outras

pesquisas, haja vista que cada análise se desenvolverá de uma maneira específica com questionamentos diversos daqueles já feitos.

Como já mencionado o *corpus* pode ser composto por uma variedade de materiais. Assim sendo, uma vez definido o tema, é necessário que o analista selecione e organize o *corpus* da pesquisa. Nesse momento, ele irá identificar os sujeitos enunciadorees (quem fala ou quem cala) do assunto. Esses enunciadores podem se referir a pessoas ou a materiais impressos. No decurso da constituição do *corpus* o analista busca coletar os diversos registros sobre o tema sejam eles escritos, orais, iconográficos, entre outros.

Ao construir o *corpus*, o analista já está de certa forma envolvido no processo de análise do discurso em si. Isso porque ao definir os textos que serão utilizados ele já percebe algumas propriedades discursivas presentes nos mesmos.

À vista disso, Orlandi (2003) observa que a análise conduz o analista na compreensão do discurso por meio da observação dos processos e da constituição dos sentidos e dos sujeitos. Para tanto, sugere que o analista siga três etapas de análise que partem do texto para evidenciar o discurso.

Na primeira etapa, em que se constrói o objeto discursivo, o analista procura no texto a sua discursividade. Nesse momento, ao fazer a leitura do material, ele identifica as marcas na superfície linguística (palavras, frases, imagens, etc.) que possam configurar as formações discursivas predominantes do material em questão.

Na etapa seguinte, tendo como ponto de partida o objeto discursivo, o analista busca relacionar as formações discursivas com as formações ideológicas que orientam o discurso. Tendo em vista que o processo envolve interpretação, é preciso se atentar para os efeitos metafóricos, pois uma mesma palavra pode assumir sentidos diferentes. Desse modo, o analista deve observar como os sentidos se produzem e se organizam no texto para identificar as formações ideológicas que representam o discurso.

Uma vez que na etapa anterior os sentidos foram identificados, na terceira etapa parte-se para a distinção de onde esses sentidos vêm, ou seja, o analista evidencia a qual ideologia pertence o discurso e a descreve.

Na análise, o arcabouço teórico do analista é primordial visto que a teoria deve mediar todo o processo. Segundo Souza (2014), quanto mais o analista recorre ao dispositivo teórico, mais consistente é o trabalho de interpretação e maiores as

possibilidades de identificação das formações discursivas e conseqüentemente da filiação ideológica do material selecionado.

Ferreira (2003, p. 45) corrobora esse entendimento ao afirmar que “[...] o que dá vigor e consistência às análises feitas pelo viés discursivo é precisamente a indissociabilidade entre a teoria e a prática”.

Ao tomar a AD enquanto procedimento de pesquisa, uma vez feita a análise é pertinente que se dê publicidade à mesma. Isto posto, Souza (2014) especifica os procedimentos para escrita da análise, alertando, porém, que cada pesquisa pode desenvolvê-la de forma diferenciada.

Nesse âmbito, o analista apresentará, na primeira parte do trabalho escrito, a contextualização do tema de maneira a evidenciar qual a visão social do assunto. Feito isso, o analista explicita o referencial teórico que fundamentou a pesquisa e ressalta a utilização da teoria da Análise de Discurso bem como expõe os conceitos abordados na análise, tais como: linguagem, discurso, sujeito, formação discursiva, formação ideológica, entre outros.

Souza (2014) esclarece que além da contextualização do tema e da fundamentação teórica, é importante que o analista apresente as questões que nortearam a análise e o *corpus* que compôs a pesquisa.

Considerados esses pontos, o analista irá discorrer sobre a análise realizada de modo a explicitar para o leitor sobre o discurso identificado. De acordo com Souza (2014), é nesse momento que

O analista deve mostrar o funcionamento do discurso que identificou na materialidade do texto por meio das marcas, dos exemplos retirados do *corpus*. Não basta dizer que o texto apresenta o discurso *x*. É necessário mostrar com textos o discurso *x* funcionando (SOUZA, 2014, p. 44).

Esse ponto é crucial, uma vez que o analista descreverá todo o movimento da análise: como seus questionamentos o levaram a abordar determinado tema e como o *corpus* possibilitou a identificação da formação ideológica a qual as formações discursivas estavam ligadas.

Para finalizar a escrita da análise, faz-se uma reflexão sobre as diferenças ou semelhanças entre a visão do fato social identificada no texto e a visão geral existente no imaginário social apresentada no momento da contextualização.

4. Concluindo

A análise de discurso, desde suas origens, tem sido adotada para a produção de conhecimentos nos diversos setores das Ciências Sociais, sendo de fundamental importância por apresentar a possibilidade de compreensão dos discursos individuais e coletivos construídos social e historicamente.

As contribuições advindas da AD no sentido de conceber que todo discurso está amparado em uma ideologia são elementares para as pesquisas que se debruçam sobre temas sociais ligados aos campos político, educacional, jurídico, religioso, cotidiano, entre outros.

Por meio da análise de discurso, dessa forma, é possível evidenciar os sentidos produzidos nos discursos dos sujeitos e identificar as formações ideológicas dos mesmos. Em outras palavras, o pesquisador que faz uso da AD, faz uma leitura do material que compõe o *corpus* de análise tendo como foco a produção de sentidos no discurso do sujeito ratificado pela junção do social, da ideologia e da história.

Importante ressaltar, conforme mencionado anteriormente, que para proceder à análise de discurso não há um método padrão. No entanto, este trabalho buscou apresentar uma maneira didática, fundamentada nos estudos de Orlandi (2003) e Souza (2014), para orientar os pesquisadores quanto à adoção da AD enquanto procedimento de pesquisa.

Mais uma vez é preciso enfatizar que a prática da análise de discurso não existe sem o respaldo da teoria sob pena de a AD se tornar meramente um “método de análise do discurso” consoante alerta Ferreira (2003).

Pelo exposto, é possível depreender que a análise de discurso, uma vez que possibilita a compreensão dos sentidos socialmente produzidos nos discursos, propicia ao analista uma visão menos ingênua da linguagem visto que com a AD ele depreende que todo discurso possui relação com o contexto sócio-histórico e, por isso, não é neutro, mas sustentado por alguma ideologia.

Referências

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à análise do discurso**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.

CAREGNATO, R. C. A.; MUTTI, R. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto e Contexto Enfermagem**, Florianópolis, SC, v. 4, n. 15, p. 679-684, dez. 2006.

CHARAUDEAU, P. Uma teoria dos sujeitos da linguagem. In: MARI, H. *et al.* **Análise do discurso: fundamentos e práticas**. Belo Horizonte, MG: FALE/UFMG, 2001.

DELORD, G. C. C. Análise do discurso com Michel Pêcheux. In: GUIMARÃES, G. T. D. (org.) **Ressignificando os labirintos da pesquisa qualitativa: exercícios práticos de análise de discurso**. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2015.

FERNANDES, C. A. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. São Carlos, SP: Claraluz, 2007.

FERREIRA, M. C. L. O quadro atual da análise de discurso no Brasil. **Letras**, Santa Maria, RS, v. 1, n. 27, p. 39-46, dez. 2003.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1972.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo, SP: Atlas, 2008.

GREGOLIN, M. R. V. A análise do discurso: conceitos e aplicações. **Alfa**, v. 39. p.13-21, São Paulo, SP, 1995.

MAGALHÃES, A. S. KOGAWA, J. **Pensadores da Análise do Discurso: uma introdução**. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2019.

MAINGUENEAU, D. **Discurso e análise do discurso**. São Paulo, SP: Parábola, 2020.

MAINGUENEAU, D. **Termos-chave da Análise do Discurso**. Belo Horizonte, MG: UFMG, 2000.

NOGUEIRA, C. A análise do discurso. In: ALMEIDA, L.; FERNANDES, E. **Métodos e técnicas de avaliação: novos contributos para a prática e investigação**. Braga, Portugal: Ceep, 2001. p. 3-51.

ORLANDI, E. P. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

SANTOS, J. A.; OLIVEIRA, G.S.; SAAD, N. S.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 2003.

ORLANDI, E. P. Michel Pêcheux e a Análise de Discurso. **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, BA, n.1, p. 9-13, junho de 2005.

SOUZA, S. A. F. **Conhecendo a análise de discurso**. Manaus, AM: Editora Valer, 2006.

SOUZA, S. A. F. **Análise de discurso**: procedimentos metodológicos. Manaus, AM: Censur, 2014.